

CONRADO SCHLOCHAUER

PhD em Psicologia da Aprendizagem, especialista em educação corporativa e fundador da nōvi – a lifewide learning company

o poder do lifewide learning aprendizado incidental

Desperte para as oportunidades de aprendizado que já existem em sua vida e potencialize seu desenvolvimento



Gente
editora

Diretora
Rosely Boschini

Gerente Editorial Sênior
Rosângela de Araujo Pinheiro Barbosa

Editora
Rafaella Carrilho

Assistente Editorial
Mariá Moritz Tomazoni

Produção Gráfica
Leandro Kulaif

Preparação
Gabrielle Carvalho

Projeto Gráfico
Márcia Matos
Plínio Ricca

Capa
Fernando Blanchart
Katherine De Franco

Diagramação
Plínio Ricca

Consultoria de Texto
Alexandre Caetano

Revisão Técnica
Nira Bessler

Revisão
Janaína Marcoantonio
Debora Capella

Impressão
Grafilar

Copyright © 2025 by
Conrado Schlochauer
Todos os direitos desta edição
são reservados à Editora Gente.
R. Dep. Lacerda Franco, 300 – Pinheiros
São Paulo, SP – CEP 05418-000
Telefone: (11) 3670-2500
Site: www.editoragente.com.br
E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Schlochauer, Conrado

Aprendizado incidental: o poder do lifewide learning: desperte para as oportunidades de aprendizado que já existem em sua vida e potencialize seu desenvolvimento / Conrado Schlochauer. - São Paulo: Editora Gente, 2025. 256 p. [+ 16 p.]

ISBN 978-65-5544-604-3

1. Desenvolvimento profissional 2. Aprendizagem contínua I. Título

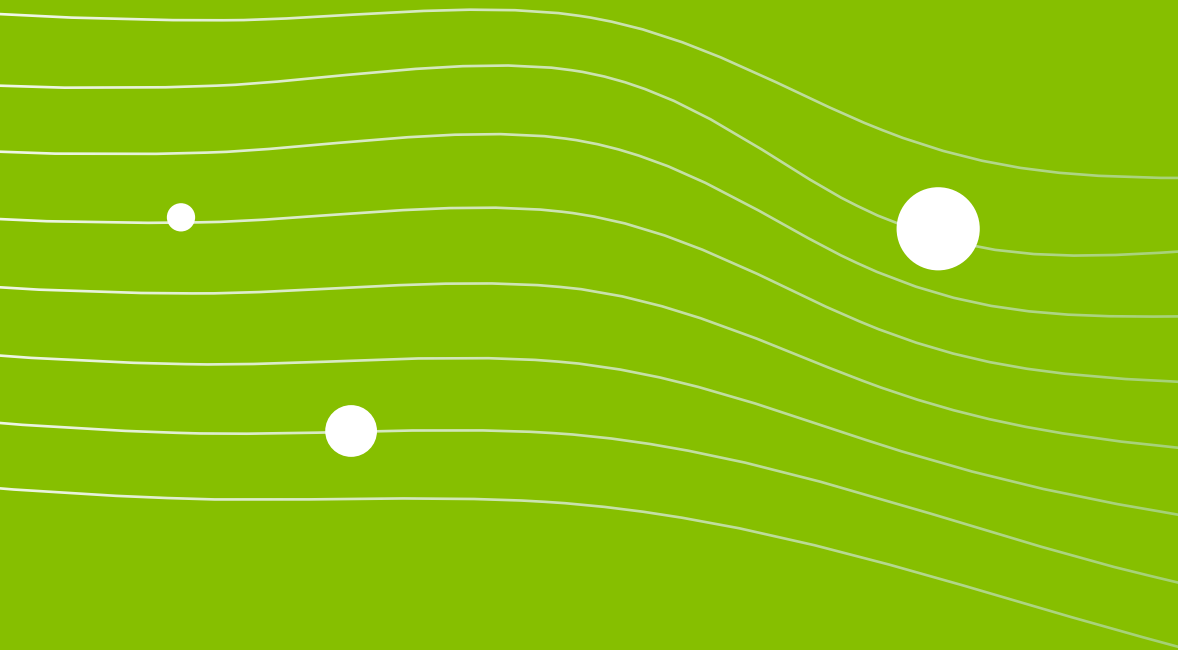
25-1279

CDD 650.14

Índices para catálogo sistemático:
1. Desenvolvimento profissional

Este livro foi impresso pela gráfica Grafilar em papel
lux cream 70g/m² em junho de 2025.

SUMÁRIO



PREFÁCIO	14
INTRODUÇÃO	15
SEÇÃO 1 - APRENDIZADO INCIDENTAL	20
1. Por que aprender é cada vez mais necessário (e cada vez mais difícil)?	22
2. O que é aprendizado incidental?	41
3. Exploração aberta: como alimentar o seu cérebro	54
4. O aprendizado incidental em três atos	69
INTERLÚDIO	84
SEÇÃO 2 - DESPERTAR	94
5. Como influenciar seu acaso	96
6. Curiosidade e abertura à experiência	112
SEÇÃO 3 - EXPLORAR	132
7. Experiências de verdade	134
8. Presentistas	145
9. As viagens, os passeios e os viajantes	160
10. Mais arte, por favor	178
SEÇÃO 4 - TRANSFORMAR	196
11. Novos olhares: ver além do visível	198
12. Tempo e presença para aprender	218
13. Reflexão e ação	231
POSFÁCIO: O DIA EM QUE VIVI MEU LIVRO	242
NOTAS DE FIM	247

Quem olha o mundo é o olho
Mas quem alarga a visão é o peito.
Não se vê o mundo direito
com um coração estreito.

Claudio Thebas

INTRODUÇÃO



acaso favorece os aventureiros.”

Ainda não me decidi se algum dia vou fazer uma tatuagem, mas, se fizer, esta frase está na lista de opções.

Ela se baseia em um trecho de um artigo do psicólogo canadense Albert Bandura, uma das minhas grandes referências. O poeta romano Virgílio já havia escrito algo parecido há dois mil anos, em sua obra *Eneida*: “*audaces fortuna iuvat*”, que significa, literalmente, “A sorte favorece os audazes”.

Gosto dessa frase porque ela reflete meu jeito de ser. Não sou um exemplo de disciplina e foco, mas, mesmo assim, tenho orgulho da minha jornada até aqui.

Acredito que curiosidade e uma vida exposta a *aventuras* em mundos diferentes foram parte importante da pessoa que me tornei. Música, tecnologia, esporte, arte, pessoas diferentes, viagens... Sempre tive diversas paixões. O cotidiano está repleto de oportunidades de aprendizado que, na correria, muitas vezes acabamos desconsiderando.

A aprendizagem ocupa um papel central na minha vida, e posso dizer que esse é o domínio em que sou mais disciplinado. Sigo as etapas do aprendizado autodirigido de maneira estruturada. Foi dessa forma que consolidei um método e o descrevi no meu livro *Lifelong learners: o poder do aprendizado contínuo*. Na obra, falei de uma prática que ocorre de maneira sistematizada e consciente, chamada de **aprendizado deliberado ou intencional** pelos pesquisadores da área.

Após o lançamento (e sucesso!) do livro, passei a observar ainda mais meu próprio processo de aprendizado, checando se estava, de fato, vivendo o que havia proposto. Essa auto-observação me mostrou duas coisas. Por um lado, parte do meu aprendizado ocorre de acordo com o que escrevi. Gosto de definir meus caminhos de maneira estruturada, fazer a curadoria do meu CEP+R,^{*} e sempre tento alocar um tempo semanal de dedicação exclusiva.

Contudo, ficou claro que há outro canal de aprendizado em mim – menos estruturado e mais caótico, embora igualmente potente. Ele ocorre a partir da minha curiosidade quase indomável, aliada a um processo de reflexão sobre as experiências que vivo. É muito comum, durante uma conversa, um insight surgir de maneira tão intensa que muitas vezes atrapalha a minha próxima fala. Só prossigo depois de parar e anotar.

Minhas experiências em passeios, viagens, com todos os tipos de arte ou mesmo no dia a dia do trabalho também são fontes regulares de reflexões e mudanças. Já há alguns anos tenho o hábito de anotar os aprendizados da semana em um *learning journal* (um diário de aprendizado). A partir dessa vivência, comecei a conversar com outras pessoas. Percebendo que esse tipo de aprendizado era prevalente, tornei-o o tema de meu projeto de pesquisa e comecei a estudá-lo em profundidade.

No doutorado, eu já havia estudado sobre *aprendizagem informal* a partir da abordagem da psicologia cognitiva. Esse foi meu ponto inicial. Contudo, fui além e pesquisei sobre a aprendizagem que acontece implicitamente e é parte integrante e fundamental do desenvolvimento de qualquer ser humano.

Trata-se de um processo que ocorre de maneira mais óbvia na primeira infância, quando aprendemos a nos locomover, interagir e desenvolver

^{*} Sigla de Conteúdos, Experiências, Pessoas e Redes, abordagem proposta por mim e por Alex Bretas para diversificar nossas fontes de aprendizado.

nossa autonomia por meio da exploração do mundo e da observação do outro. Entretanto, o crescimento e as descobertas continuam na fase adulta. Aprendemos e mudamos pelo simples fato de estarmos vivos, interagindo com outras pessoas, com nossas experiências e nossos pensamentos.

No início dos anos 2000, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) começou a utilizar o termo “lifewide learning”, para se referir a um tipo de desenvolvimento que ocorre não apenas em ambientes formais de educação, mas em todos os domínios da vida, por meio de experiências cotidianas, relações pessoais e diversas atividades que normalmente não seriam vistas como educacionais.

A pergunta que muitos se fazem é: como me tornar um lifewide learner? Se o aprendizado acontece enquanto estou vivendo, como identificá-lo?

É aqui que entra o **aprendizado incidental**.

Ele normalmente surge como um subproduto de outras atividades e pode se perder nos encantamentos de uma conversa ou no cansaço de uma experiência. E, mesmo quando nosso cérebro nos lembra e identificamos um bom insight, não damos o valor que essa conversa interna merece. Minha intenção, com este texto, é ajudar a trazer consciência sobre o processo e oferecer referências e ferramentas que o apoiem.

Organizações e profissionais buscam o aprendizado contínuo como uma forma de se prepararem para as transformações cada vez mais avassaladoras no mundo. Se esse é o seu caso, o aprendizado incidental pode se tornar um grande aliado na sua jornada.

Este livro é resultado de uma pesquisa não convencional. Ele é repleto de textos, ideias e citações que me inspiraram ao longo dos anos de pesquisa. Como fiz no primeiro livro, compartilho as fontes que me ajudaram a construir a tese central desta obra. Se elas não lhe interessarem, não se preocupe com os pequenos números inseridos ao longo das páginas. As informações que forem fundamentais para a compreensão de algum conceito estarão sempre presentes no próprio texto.

Também vale dizer que você verá muita arte aqui. Já adianto meu pedido do capítulo 4: “Saboreie essas leituras com calma e presença. Talvez essas passagens possam parecer menos objetivas e propositivas do que as dicas de passo a passo presentes em alguns capítulos. Não se engane; deixe o aprendizado acontecer por caminhos menos óbvios”.

Este não é um livro sobre como estudar mais. É um livro sobre como viver de modo mais consciente, curioso e aberto. Sobre como influenciar o acaso a nosso favor, criando oportunidades que nos levam a descobrir novas dimensões de nós mesmos.

Que o texto desperte em você o desejo de viver com coragem, presença e atenção às possibilidades de aprendizado que surgem todos os dias, em todos os lugares.

O QUE VEM PELA FRENTE

Este livro é um convite para uma jornada de aprendizado diferente daquela com que você provavelmente se acostumou. Não se trata de mais um método estruturado de estudo, mas de uma abordagem para viver de maneira mais rica e consciente, aproveitando cada experiência como fonte de crescimento e transformação.

A proposta que apresento nestas páginas está organizada em quatro seções principais, complementadas por um interlúdio que serve como ponte conceitual.

Na seção 1 – Aprendizado incidental (capítulos 1 a 4), abordo os fundamentos e a necessidade desse tipo de aprendizado no mundo contemporâneo. Começo explicando por que aprender se tornou simultaneamente mais necessário e mais difícil nos tempos atuais. Apresento o conceito de aprendizado incidental e como ele se diferencia do aprendizado formal com que estamos acostumados. Também abordo a noção de exploração aberta, capacidade que apoia o desenvolvimento durante a infância, mas que tendemos a perder com o passar dos anos. Por fim, descrevo como o aprendizado incidental se desenvolve em três atos, preparando o terreno para as seções práticas que virão depois.

O **Interlúdio** serve como uma pausa reflexiva e complementar. Nele, apresento alguns princípios sobre aprendizado que serão úteis tanto para quem já leu meu primeiro livro quanto para quem está tendo um primeiro contato com minhas ideias. É uma ponte conceitual que assegura que todos os leitores tenham uma base comum para avançar nas seções seguintes.

Na seção 2 – Despertar (capítulos 5 e 6), o foco são as posturas e mentalidades necessárias para o aprendizado incidental. Discuto como

podemos influenciar ativamente o acaso a nosso favor, criando condições para encontros fortuitos que gerem aprendizado. Também me debruço sobre o papel fundamental da curiosidade e da abertura à experiência como qualidades que podemos cultivar intencionalmente para potencializar nosso desenvolvimento.

Na seção 3 – Explorar (capítulos 7 a 10), convido você a ampliar seu repertório por meio de diferentes experiências. Mostro como vivenciar experiências de verdade, profundas e significativas, em vez de apenas acumular eventos superficiais. Introduzo o conceito de “presentismo” – a arte de estar atento ao que já existe ao nosso redor, mas que frequentemente ignoramos. Discorro sobre o poder das viagens e dos passeios – tanto os de longa distância quanto aqueles a poucos passos de casa – como fontes inesgotáveis de aprendizado. E, finalmente, faço um convite para incluir mais arte em sua vida, como forma de expandir sua sensibilidade e capacidade de percepção.

Na seção 4 – Transformar (capítulos 11 a 13), compartilho ferramentas para converter experiências em aprendizado duradouro. Primeiro, exploro os novos olhares necessários para ver além do óbvio e do familiar. Depois, abordo o lado intencional do aprendizado incidental: como a presença, a atenção e a reflexão sistemática podem transformar experiências cotidianas em fontes de crescimento profundo e duradouro. Concluo com a defesa da reflexão escrita como ferramenta para consolidar, processar e dar sentido às vivências diárias, permitindo uma aprendizagem contínua e transformadora ao longo da vida.

Este livro não é linear. Embora eu tenha desenhado uma sequência que me pareça natural, você pode navegar por ele seguindo sua própria curiosidade. Algumas seções são mais reflexivas, outras mais práticas. Algumas trazem histórias pessoais, outras recorrem a pesquisas científicas ou a obras de arte.

O que espero, acima de tudo, é que este livro desperte em você o desejo de se tornar um aventureiro do conhecimento – alguém que sabe que “o acaso favorece os aventureiros”. Que você reencontre o prazer de aprender com a espontaneidade e o entusiasmo da infância, mas agora com a sabedoria e a consciência de um adulto.

Estamos juntos nessa jornada. Vamos começar?



SEÇÃO 1

Aprendizado incidental

Nesta primeira seção, abrimos o caminho para o **Aprendizado incidental**. Apresentamos o poder das experiências cotidianas como fontes legítimas de desenvolvimento – às vezes invisíveis, mas sempre presentes. Exploramos como o cérebro humano evoluiu para aprender de maneira implícita e contínua, a partir da simples interação com o mundo. Mostramos como o aprendizado incidental não substitui os modelos formais, mas os complementa, ampliando nossas possibilidades de crescimento num mundo em constante transformação. E reconhecemos a força da curiosidade, da agência pessoal e da abertura à exploração – ingredientes fundamentais para transformar vivências aparentemente aleatórias em aprendizado com significado.



Capítulo 1

POR QUE APRENDER É CADA VEZ MAIS NECESSÁRIO (E CADA VEZ MAIS DIFÍCIL)?

“

M

eu dedo caiu!”, gritei.

A afirmação era exagerada, mas quase verdadeira. Eu estava me preparando para baixar a âncora do barco e percebi que ela estava travada na proa. Com a mão direita, puxei a corrente e dei um tranco na tentativa

de liberá-la. Não funcionou, e percebi que precisaria de mais meio metro livre para um tranco maior. Mantive uma mão no cabo e, com a outra, pressionei o botão que aciona o guincho. Foi nesse instante que dei o berro.

Em vez de apertar o botão vermelho, apertei o preto. Como consequência, em vez de o cabo ser liberado, ele foi retraído para dentro do barco. Minha mão foi levada para a direção da catraca, que prensou meu dedo indicador direito.

Foi um momento de caos, daqueles de que você se lembra em pequenos pedaços. Minha esposa correu para ligar o barco e voltar para casa. Minha filha mais velha, Olívia, foi pegar a gaze na caixa de primeiros

socorros para estancar o sangue. Pegou gelo também (aprendizado obtido na série *Grey's Anatomy*, segundo ela). A Alice, filha do meio, foi para a beirada do barco procurar um dedo no mar, enganada pelo despropósito do meu grito... Só depois percebeu que, embora o acidente de fato tenha sido feio, apenas a ponta do indicador tinha sido atingida. Ela se sentou e tentou acalmar o João, o mais novo.

Naqueles instantes, não senti dor, provavelmente pela famosa descarga de adrenalina. Mas foi interessante ver como minha cabeça se apressou em tentar controlar o futuro. Fui até o hospital de Ilhabela criando cenários dos impactos que o acidente teria na minha vida.

Era 21 de abril de 2022, data que minha família passou a chamar, com o perdão da piada ruim, de dia de “tiradedos”.

O estrago foi grande, mas a reconstrução foi um sucesso. Foram vários meses de remédios, novas intervenções, fisioterapias e muita ansiedade. Eu dormia com a mão para cima, colocando o braço no vão de um travesseiro dobrado ao meio e preso com fita-crepe. Nesse período, ficou bem claro por que o dedo indicador tem esse nome. Os movimentos ficam todos desajeitados sem o comando dele, e passei um bom tempo me sentindo com duas mãos esquerdas (sou destro).

Além da questão física, há o aspecto psicológico. Demorou bastante para que meu cérebro deixasse de trazer a memória do acidente de maneira inesperada. Durante o primeiro ano, pelo menos uma vez por semana, minha mente reavivava a imagem que me aterroriza até hoje: meu dedo sendo amputado pela catraca. Isso melhorou, mas não passou.

Havia também a questão do ego, da preocupação com a estética da reconstrução. Eu voltaria a ter unha? As pessoas achariam minha mão estranha? E, ao mesmo tempo que me preocupava, sentia uma baita culpa. Por mais assustador que tenha sido, o impacto foi mínimo na minha vida. Foram-se alguns milímetros de dedo e a sensibilidade na ponta. Só tenho a agradecer o privilégio de ter sido operado pela melhor equipe possível em um dos melhores hospitais do mundo. O convênio médico cobriu tudo, poupando-me de sustos financeiros. Fazia sentido ficar tanto tempo preocupado com a aparência da minha mão?

Entretanto, o efeito maior foi na minha visão de mundo.

Sou um otimista crônico. Passo a vida colecionando aspectos positivos no meio de perrengues. Tenho dificuldade de ver qualquer situação ruim sem identificar um ângulo favorável adjacente. Sempre trago um contraponto. “Bati o carro, mas pelo menos ninguém se machucou” ou “chegamos atrasados e perdemos a primeira música do concerto, mas pelo menos estamos aqui...”.

Isso vem de família. Meu pai fugiu de Berlim, na Alemanha, em junho de 1939, a apenas três meses do início da Segunda Guerra Mundial. Mesmo assim, nunca o escutei reclamar da vinda ao Brasil. Sentia-se grato por ter tido a chance de viver durante as décadas de 1940 e 1950 no Rio de Janeiro, “o lugar mais bonito do mundo”. Tinha paixão pela minha mãe e por orquídeas (nessa ordem) e, no final da vida, com o Alzheimer começando a se pronunciar de maneira mais intensa, adorava olhar para o mar, no seu apartamento em Santos. De tempos em tempos, soltava: “Como esse país é lindo!”. Nunca o ouvi se queixando da vida. Esse é o chip que veio instalado em mim.

Minha recuperação completa demorou um ano. Ao longo desse período, foi difícil agir do meu modo padrão e achar um lado positivo para o acidente. Passado esse tempo, comecei a compreender qual era o aprendizado desse ocorrido: *shit happens*. Coisas negativas acontecem, e às vezes não há lado bom a ser resgatado. Algumas coisas quebram e não podem ser consertadas. Ou até podem, mas nunca mais ficarão iguais. E isso não é necessariamente um problema.

Para pessoas que não têm o otimismo entranhado na personalidade, pode ser difícil entender quão impactante foi essa constatação. O fato é que ela alterou uma parte fundamental da minha visão de mundo. Compreendi, com o acidente, que coisas ruins acontecem sem qualquer intenção compensatória do Universo. Essas experiências são simplesmente ruins, e temos que conviver com o fato de que nós passamos por elas. Felizmente, o aprendizado ocorreu por meio de um acidente que não teve maiores consequências. Sou grato por isso.

Posso dizer que esse episódio me amadureceu, me deixou um pouco menos ingênuo. Hoje em dia, fica muito claro quando estou tendo a conduta antiga, fazendo esforço desnecessário para enxergar

um lado positivo em situações impossíveis. Aceitar as experiências adversas em suas realidades desagradáveis tem sido importante para o meu crescimento.

Essa mudança aconteceu para mim a partir de um acidente, uma experiência não planejada e/ou desejada. Isso é a definição clássica de aprendizado incidental: um subproduto de outra atividade. Karen Watkins é uma das principais pesquisadoras desse domínio. Para ela, esse tipo de aprendizado “quase sempre ocorre na experiência cotidiana, embora as pessoas nem sempre estejam conscientes disso”.¹

O aprendizado incidental faz parte da nossa vida, é inerente ao existir. No entanto, ele é pouco percebido e potencializado. Reconhecimento e reflexão são pontos de partida para transformar uma experiência cotidiana em autoaprimoramento. Podemos estimulá-lo ao nos expor a situações que nos apresentem novidades ou questionem nossos conhecimentos prévios.

Trabalho com desenvolvimento de adultos há trinta e cinco anos. Percebo nas pessoas uma dificuldade crescente em achar tempo para incluir momentos de aprendizado deliberado ou intencional em sua rotina. Por que não aproveitamos mais as oportunidades que se apresentam todos os dias?

Já existe um corpo de conhecimento estruturado para transformarmos experiências cotidianas em aprendizado. Meu objetivo, ao escrever este livro, é compartilhá-lo para ampliarmos nossos caminhos de autodesenvolvimento.

UM NOVO MOMENTO PARA O APRENDIZADO AO LONGO DA VIDA

A demanda por aprendizado ao longo da vida tem aumentado, de acordo com algumas das principais entidades que estudam o assunto. Considero o dia 30 de novembro de 2022 como um ponto de inflexão na curva da necessidade de aprendizado contínuo. Com o lançamento do ChatGPT, diversas formas de inteligência artificial generativa se tornaram extremamente populares.

Vou além dos resultados numéricos, como a adoção recorde da ferramenta por 1 milhão de pessoas em apenas cinco dias. Adoto essa

tecnologia e sou um usuário intenso. O que mais me chama a atenção nela é a capacidade de substituir humanos em habilidades cognitivas repetitivas. Se essa mudança seguir a tendência de outras transformações, isso não significa que faltarão postos de trabalho. Embora alguns empregos possam ser automatizados, a história mostra que a adoção de tecnologia pode ser mais lenta do que imaginamos e frequentemente leva à criação de novos tipos de empregos.

Contudo, os novos postos de trabalho demandarão a requalificação de 60% dos trabalhadores até 2030, de acordo com o Fórum Econômico Mundial.² Com uma abordagem pragmática, atenta ao impacto das novas tecnologias, o Fórum se preocupa com as centenas de milhões de postos de trabalho que sofrerão alterações radicais, especialmente com a inteligência artificial. Entretanto, é importante notar que boa parte dos novos percursos de aprendizagem propostos não seguem à risca a cartilha do aprendizado formal, que se baseia em salas de aula, telas de computadores ou celulares como principais fontes de instrução. Ao contrário, há um chamado inequívoco para a valorização do papel do aprendizado informal e incidental.

A entidade produziu um relatório chamado *Putting Skills First*³ [Colocando habilidades em primeiro lugar] e, nele, fez um chamado para um olhar mais amplo na avaliação de candidatos ao longo dos processos seletivos. O que o Fórum propõe é o reconhecimento das habilidades presentes nas pessoas, a despeito do caminho para a sua conquista. Atualmente, comprovamos nossas proficiências a partir de um certificado emitido por uma instituição. Entretanto, existem outros caminhos para a aquisição de habilidades, e nem sempre ter um diploma é garantia de competência adquirida.

A mesma tecnologia que gera a necessidade de atualização contínua passou a ser utilizada para confirmar as habilidades adquiridas dos candidatos. São diversos os usos da inteligência artificial nos processos seletivos, com o objetivo de identificar competências sem depender de certificados ou da validação de universidades e centros técnicos.

Além da busca de caminhos para a legitimação de novas habilidades, há a ampliação do escopo do aprender. Queremos nos desenvolver não apenas para trabalhar melhor, mas também para viver melhor.

O Institute for Lifewide Learning, da Unesco, foi fundado em 1952, no pós-Guerra. Sua razão de existir está diretamente relacionada ao Objetivo Sustentável nº 4 da ONU: assegurar a educação inclusiva e equitativa de qualidade e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos.⁴ Em 2022, o instituto reuniu pesquisadores de diferentes países em Marraquexe com o objetivo de discutir a evolução do aprendizado de adultos na última década.

O título do relatório global criado a partir do encontro ressalta a importância de um olhar mais amplo para o aprendizado adulto: *Educação para a cidadania: empoderando adultos para a mudança*. O grupo sugeriu novas abordagens para a aprendizagem:

À medida que as economias e sociedades mudam, a aprendizagem ao longo da vida precisará se estender muito além de simplesmente responder às necessidades do mercado de trabalho. [...] **Em vez de ser reativa ou adaptativa (em relação às mudanças nos mercados de trabalho, na tecnologia ou no ambiente), a educação de adultos deve ser repensada em torno da aprendizagem que seja verdadeiramente transformadora.** Sabemos que a natureza do emprego pode mudar drasticamente ao longo de uma única vida. A vida cívica e política também está mudando rapidamente e requer flexibilidade, pensamento crítico e habilidade de aprender.⁵

O aprendizado ao longo da vida, por muito tempo, foi vinculado ao desenvolvimento profissional realizado prioritariamente em ambiente formal. Os últimos anos mostraram que a complexidade e as oportunidades do mundo requerem que todo lifelong learner⁶ seja também um lifewide learner,^{*} alguém que aproveita todos os espaços da vida para se

^{*} *Lifewide* é uma expressão de difícil tradução para o português. O termo se refere ao aprendizado que acontece “ao largo” da vida, em todos os ambientes e espaços possíveis, confrontando o aprendizado formal com o informal. No decorrer do livro, manterei a expressão em inglês.

desenvolver. **Aprendemos nas conversas, no trabalho, nas viagens e no simples gesto de observar outras pessoas.**

Mesmo nos últimos anos, o reconhecimento desse tipo de aprendizado tem sido um desafio. Em português, por exemplo, a expressão “informal” traz uma conotação negativa para o tipo de aprendizado proposto. Esse termo é frequentemente associado com algo de menor qualidade ou mesmo ilegal. Embora saibamos que muito do nosso aprendizado ocorre nesse ambiente, não temos o hábito de valorizar e “formalizar” o aprendizado informal. Ao reconhecê-lo como um canal de desenvolvimento importante, incentivamos a busca de novos tipos de aprendizado que estão mais disponíveis e próximos. Os caminhos tradicionais continuam relevantes, mas não são suficientes para a complexidade em que vivemos.

No mundo pós-pandemia, experimentamos três fenômenos que têm exigido novos olhares para a aprendizagem. Em primeiro lugar, há o crescimento exponencial do volume de informações produzidas, desafiando nossa capacidade de filtrar e compreender. Temos acesso diário a conteúdos que aparecem e são substituídos com a mesma velocidade. Como dar conta de tanta informação utilizando o método educacional clássico?

Além disso, o uso crescente de redes sociais tem causado danos claros para o aprendizado. Perdemos o controle de nossa atenção e está cada vez mais difícil nos concentrarmos em conteúdos mais longos ou profundos.

Finalmente, vivemos uma relação paradoxal com nossa vida profissional. Ao mesmo tempo que existe uma onda de insatisfação crescente com os empregos, o trabalho – como a esfera por meio da qual interagimos com o mundo e o transformamos – ocupa um papel fundamental na construção da nossa personalidade. Essa contradição tem gerado cansaço e insatisfação.

Vamos entender um pouco mais cada um desses vetores e como eles demandam mudanças na aprendizagem.

CONTEÚDO INFINITO

Olhei para minha mesa de cabeceira e me assustei. Estava horrível. Cheguei mais perto, me agachei e comecei a contar. Quarenta e três. Era essa a quantidade de livros divididos entre as duas pilhas no topo do móvel e nas fileiras que lotavam o nicho inferior.

Lembro-me de que na última arrumação, já há uns três anos, prometi para mim mesmo que só deixaria no quarto os que estivessem na lista dos mais desejados. Tenho uns oitocentos livros espalhados em duas salas aqui em casa, sem contar os digitais. De tempos em tempos, reorganizo tudo em um aplicativo e aproveito para doar alguns e me reconectar com outros.

A minha mesinha de cabeceira é um espaço diferente, menos organizado. A escolha dos livros que ficarão por lá é mais emocional e orgânica. Levo para o quarto autores e autoras dos quais eu não quero correr o risco de me esquecer na agitação da vida. Textos que, acredito, são mais relevantes. Nesse rol de leituras, também estão livros de ficção pelos quais simplesmente me apaixonei a partir de dicas de amigos, do texto da contracapa ou da história de quem os escreveu.

Posso dizer que o móvel de madeira ao lado da minha cama é quase uma extensão do meu cérebro, uma espécie de prótese cognitiva que deveria ampliar minha memória de maneira mais confiável. Mas o excesso de itens nesse repositório pessoal (sem contar a bagunça) me fez perceber que o método não estava funcionando.

Tenho certeza de que esse dilema não é só meu. Vejo diversas pessoas se queixando de que adquirem mais obras do que conseguem ler. Arthur Schopenhauer, filósofo alemão famoso por sua visão pessimista do mundo, teria dito que “comprar livros seria bom se também pudéssemos comprar o tempo para lê-los: mas, em geral, a compra é confundida com a apropriação do seu conteúdo”.⁷

Quando queremos um livro, muitas vezes acreditamos na magia de que a simples posse já permitirá que o conteúdo seja transferido para nosso cérebro. Já me vi fazendo isso. Comprei diversos títulos cuja probabilidade de leitura era mínima. O que eu queria era ter o texto “perto de mim”, em uma expectativa inocente de que a proximidade traria conhecimento.

Entretanto, durante a arrumação, fui acometido por diversos sentimentos, ao manusear livros de cuja existência não me lembrava. Senti culpa por ter me esquecido de obras que fizeram meus olhos brilharem quando as comprei. Remorso por saber que havia a mesma quantidade de títulos no meu Kindle (e não vou nem considerar as centenas de artigos baixados nos meus aplicativos de leitura). Sensações ruins que, de alguma

maneira, se sobrepuseram ao prazer e à curiosidade que impulsionaram a aquisição dos exemplares.

Enquanto reestruturava e fazia seleções, fui formulando teorias para justificar as várias razões que me levaram a acumular tantos livros.

Em primeiro lugar, a publicação de conteúdo, hoje, é gigantesca. Não vou colocar dados e exemplos aqui, porque sei que, antes mesmo de este livro estar impresso, eles estariam defasados. Ainda estamos entendendo como a inteligência artificial impactará a produção e o consumo de conteúdos. A minha hipótese é que, com máquinas gerando textos, áudios e vídeos em moto-contínuo, o volume potencial é infinito.

Há ainda uma facilidade viciante de acesso a conteúdos publicados. Todos estão disponíveis nas mais diversas plataformas em formatos intercambiáveis. O artigo está escrito e você prefere ouvi-lo? Basta um clique. O caminho contrário é igualmente fácil. Achou muito longo e quer só um resumo em um breve parágrafo escrito? Sem problemas. E, ao final da sua leitura, ou escuta, o algoritmo identifica outros textos de seu interesse para continuar o jogo de sedução digital que conhecemos tão bem.

Finalmente, existe uma pressão crescente para consumirmos mais conteúdo. As redes sociais, em especial, exercem um papel ardiloso na destruição de nossa autoimagem de aprendizes: somos eternos devedores. Você cumpre sua meta de leitura por mês? Tem publicado suas reflexões para seus colegas? Já se conectou às tecnologias mais recentes? Assiste aos vídeos da sua área com regularidade? Assina newsletters de inovação?

No momento da arrumação, me perguntei também se o fortalecimento do conceito de aprendizado ao longo da vida, tema do meu livro *Lifelong learners*, não era mais um estímulo a essa pressão por consumo de conteúdo. Quando escrevi uma obra sobre o poder do aprendizado contínuo, será que deixei claro o que queria dizer com “**contínuo**”? Será que dei a entender que “ao longo da vida” quer dizer todos os dias, “sem pausa”?

A abundância de conteúdo, aliada à facilidade de acesso e à pressão para o consumo constante, gera uma sensação de estar sempre em atraso e um receio de não dar conta das demandas da vida. Esse sentimento não nos motiva. Temos a impressão de que somos incapazes de navegar pelo

mar de informação existente e acabamos nos perdendo no pouco tempo que temos para a prática do aprendizado intencional.

Tanto quanto o excesso de conteúdo, me preocupa a ocupação do nosso tempo com atividades que atrapalham o aprendizado – intencional ou incidental – sem que sequer percebamos.

O VÍCIO DO SÉCULO

Reflita sobre as perguntas abaixo:

1. Com que frequência você tem dificuldade para parar de usar as redes sociais, mesmo quando pretende parar?
2. Com que frequência pessoas próximas dizem que você deveria reduzir o tempo que passa nas redes sociais?
3. Com que frequência você deixa de realizar tarefas importantes (trabalho, estudos, família) porque estava usando redes sociais?
4. Com que frequência você usa redes sociais para aliviar sentimentos negativos, como estresse, ansiedade ou tristeza?
5. Com que frequência você se percebe planejando antecipadamente o tempo que passará nas redes sociais?

Se você quiser saber sua pontuação, estas são as respostas possíveis:

- Nunca (1 ponto)
- Menos que semanalmente (2 pontos)
- Semanalmente (3 pontos)
- Diariamente (4 pontos)

Esse questionário se baseia na versão reduzida da Escala de Uso Compulsivo da Internet,⁸ chamada de CIUS. Quanto mais próximo dos vinte pontos – máximo da escala –, mais problemático é seu uso com internet e redes sociais.

Talvez você seja uma das poucas pessoas no planeta que não têm o hábito de passar seus dias (e noites) em *feeds* infinitos, consumindo assuntos supérfluos. Mas como é sua relação com o uso do celular? O que você sente ao descobrir que saiu de casa sem ele ou quando é forçado a ficar algumas horas sem contato direto e instantâneo com o mundo?

ENQUANTO BUSCAMOS FÓRMULAS MÁGICAS PARA APRENDER MAIS E MAIS RÁPIDO, DEIXAMOS DE LADO AS INCONTÁVEIS OPORTUNIDADES QUE SE ESCONDEM NO DIA A DIA.

Já reparou como passamos a enxergar o aprendizado como mais uma cobrança? A sensação é de que você não pode se dedicar ao que realmente considera importante e curtir o processo: é preciso se atualizar o tempo todo, fazer mais cursos, consumir mais conteúdo, acompanhar as tendências, entender as novas tecnologias... Isso não tem dado certo. Em uma era em que nos faltam tempo, motivação e energia, precisamos repensar a maneira como aprendemos. É na contramão do senso comum que *Aprendizado incidental: o poder do lifewide learning* faz um convite: e se aprender fosse, antes de tudo, uma forma de estar presente na vida?

Este não é um livro sobre como estudar mais. É um livro sobre como viver de maneira mais consciente, curiosa e aberta; sobre como influenciar o acaso a seu favor, criando mais oportunidades que façam você se sentir vivo e em constante evolução.

Combinando pesquisas, narrativas pessoais e uma boa dose de reflexão, Conrado Schlochauer convida você a viver com mais presença, curiosidade e profundidade. Aqui, você descobrirá uma leitura para aprender – e reaprender – a partir de uma postura interessada e ativa.

Com este livro, você vai:

- Identificar as possibilidades de aprendizado que surgem todos os dias, em todos os lugares;
- Ampliar seu repertório pessoal e cultural de maneira intencional, eficiente e prazerosa;
- Aprender como resgatar a curiosidade da infância e usá-la como aliada no seu desenvolvimento profissional;
- Transformar sua percepção sobre cotidiano, processando experiências em aprendizado;
- Cultivar uma vida mais criativa, autêntica, aberta e preparada para novos desafios.

E muito mais!

VISITE-NOS:



EDITORAGENTE



EDITORA GENTE



EDITORAGENTE



EDITORAGENTE.COM.BR

Desenvolvimento profissional /
Carreira

ISBN 978-65-5544-604-3



9 786555 446043